

Raiz

Regar (set—dez)



RAIZ é a revista-agenda do Clube Raiz, um programa da Braga 25 Capital Portuguesa da Cultura. Esta terceira edição apresenta o que reservámos para o último quadrimestre deste ano de festa, dando continuidade à missão de promover e valorizar o universo da música de raiz do concelho de Braga e da região do Minho, através de um programa construído em torno de três pilares essenciais: música, pensamento e partilha. No Clube Raiz, privilegiamos o encontro, construímos pontes e estimulamos o diálogo entre as múltiplas expressões de uma identidade cultural singular — profundamente enraizada na tradição e enriquecida pela contemporaneidade. Depois da terra lavrada e das sementes lançadas, regamos esta Raiz para que continue a dar frutos. Prosseguimos com o compromisso de valorizar a identidade minhota no seio da comunidade, envolvendo todos os públicos, de todas as idades e oriundos dos mais diversos contextos sociais. Renovamos, novamente, o convite a todas as regiões portuguesas e aos nossos vizinhos galegos para se juntarem ao clube. No início de 2026, teremos uma edição especial da revista Raiz que, em formato de antologia, revisitará toda a programação e todas as celebrações de 2025, trazendo novamente ao palco os ‘membros’ do Clube Raiz para uma renovada partilha com a comunidade.



Agenda

MÚSICA

Orquestra de Dispositivos Eletrónicos & Outra Voz

SALÃO MEDIEVAL DA UNIVERSIDADE DO MINHO
SÁBADO, 6 SETEMBRO 2025 - 18:00
ENTRADA LIVRE
INSERIDO NA NOITE BRANCA BRAGA

MÚSICA

Arruada Clube Raiz Percussão comunitária bracarense em movimento

PERCURSO: ARCO DA PORTA NOVA →
RUA DO SOUTO → PRAÇA DA REPÚBLICA
DOMINGO, 7 SETEMBRO 2025 - 15:30
INSERIDO NA NOITE BRANCA BRAGA

GASTRONOMIA / CONVERSA / MÚSICA

Roda da Tradição

ADRO DA IGREJA PAROQUIAL DE CRESPOS/
COMISSÃO DE FESTAS DE SANTA EULÁLIA
SÁBADO, 20 SETEMBRO 2025
ENTRADA LIVRE; INSCRIÇÃO OBRIGATÓRIA
(VAGAS LIMITADAS) PARA A CONFEÇÃO DO PRATO
GASTRONÓMICO (INSCRIÇÃO EM BRAGA25.PT)

PROGRAMA

14:30 - ABERTURA

15:30 - CONVERSEMOS SOBRE: "QUE BRAGUESA É ESSA?"

17:00 - APRESENTAÇÃO COMER A PAISAGEM - GASTRONOMIA
COM RUI LEMOS SOUZA

18:00 - ATUAÇÃO DO GRUPO ORIGEM TRADICIONAL

FORMAÇÃO

Oficina de Canto Polifónico com Grupo de Cantares Mulheres do Minho

GNRATIION

SÁBADO E DOMINGO, 4 + 5 OUTUBRO 2025

PARTICIPAÇÃO GRATUITA

(INSCRIÇÃO EM BRAGA25.PT)

GASTRONOMIA / CONVERSA / MÚSICA

Roda da Tradição

SALÃO PAROQUIAL DE SEQUEIRA

SÁBADO, 8 NOVEMBRO 2025

ENTRADA LIVRE; INSCRIÇÃO OBRIGATÓRIA (VAGAS
LIMITADAS) PARA A CONFEÇÃO DO PRATO GASTRONÓMICO
(INSCRIÇÃO EM BRAGA25.PT)

PROGRAMA

14:30 - ABERTURA

15:00 - CONVERSEMOS SOBRE: "DO MINHO À GALIZA:
O QUE CANTAIS / TOCAIS VÓS?"

16:30 - UM OLHAR SOBRE O PRESÉPIO MOVIMENTADO
DE SEQUEIRA

17:00 - APRESENTAÇÃO COMER A PAISAGEM -
GASTRONOMIA COM RUI LEMOS SOUZA

18:00 - ATUAÇÃO DA ORQUESTRA DE CORDOFONES
TRADICIONAIS DE BRAGA

FORMAÇÃO

Oficina de Viola Braguesa com Luís Capela

MUSEU DO TRAJE DR. GONÇALO SAMPAIO

SÁBADO E DOMINGO, 15 + 16 NOVEMBRO 2025

PARTICIPAÇÃO GRATUITA

(INSCRIÇÃO EM BRAGA25.PT)

MÚSICA

Seara - A Música Portuguesa em Evolução Amélia Muge, Daniel Pereira Cristo, Júlio Pereira, Manuel de Oliveira, Miguel Veras, Quiné Teles e Rão Kyao

THEATRO CIRCO

SEXTA, 19 DEZEMBRO 2025 - 21:30

15 EUROS (COM DESCONTOS APLICÁVEIS)

sáb, 6 set — 18:00

Salão Medieval da Universidade do Minho

Orquestra de Dispositivos Eletrónicos & Outra Voz

A Orquestra de Dispositivos Eletrónicos, um projeto comunitário nascido em Braga no âmbito da Cidade Criativa da UNESCO para as Media Arts, une-se em palco com o grupo Outra Voz, também um projeto comunitário focado na voz e criado no contexto da Guimarães 2012 — Capital Europeia da Cultura. Os dispositivos eletrónicos, que nos guiam por uma jornada auditiva repleta de texturas e ritmos incomuns, adicionam-se à dimensão humana e emocional do grupo vocal, conhecido pela sua versatilidade e expressividade. Este concerto colaborativo é mais do que uma mera apresentação musical; é uma imersão sensorial que desafia as perceções convencionais. A fusão da tecnologia e da expressão vocal revela um novo território musical, onde a inovação e a tradição convergem para criar algo verdadeiramente único e comunitário entre as duas cidades minhotas.

ENTRADA LIVRE CURADORIA ILÍDIO MARQUES / BRAGA 25 CAPITAL PORTUGUESA DA CULTURA
COPRODUÇÃO CLUBE RAIZ, ASSOCIAÇÃO CULTURAL OUTRA VOZ, BRAGA MEDIA ARTS
PRODUÇÃO RITA MAIA, FRANCISCO NOVAIS, PEDRO SILVA COORDENAÇÃO TÉCNICA JOSÉ PEDRO CALDAS
PARCEIROS NOITE BRANCA BRAGA 2025, UNIVERSIDADE DO MINHO

Criado em 2010 com o intuito de se apresentar como uma iniciativa para Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura, Outra Voz é um projeto comunitário dedicado à expressão e exploração vocal a partir da música de tradição e da transmissão oral, expondo-se ainda às experimentações contemporâneas. Elogiado por explorar as possibilidades da expressão vocal, cativando audiências pela versatilidade e poder interpretativo, o grupo cria harmonias com riqueza e profundidade inigualável.

Promovido pelo Circuito – Serviço Educativo Braga Media Arts, a ODE: Orquestra de Dispositivos Eletrónicos é um projeto com atividade regular, aberto à comunidade local, com a intenção de promover encontros informais em torno da produção sonora alicerçada na tecnologia. Renovando-se a cada ano, com novos formadores e novos participantes, a ODE ocupou já o seu lugar na cidade de Braga. Nesta orquestra não é preciso ser músico ou sequer saber tocar um instrumento: a vontade em aprender e construir em conjunto é o único requisito.



ODE – Orquestra de Dispositivos Eletrônicos

com Sara Borges e Angélica Salvi

Desde 2017 que Braga é Cidade Criativa da UNESCO, um título que junta 350 outras cidades a nível global. A rede, criada em 2004, tem o propósito de valorizar a aposta dos territórios na criatividade. Destas 350 cidades, há 25 que se focam nas Media Arts, privilegiando meios digitais e tecnológicos como veículo de criação. Assim aparece a Braga Media Arts e o seu serviço educativo – o Circuito. É também nesta sequência que é criada, em 2019, a ODE – Orquestra de Dispositivos Eletrônicos.

Sara Borges é programadora do Circuito e assegura-nos que “a ODE se tornou um dos projetos âncora do Circuito”. “Trata-se de uma proposta aberta à comunidade, um laboratório de criação para pessoas de todas as idades e com conhecimentos muito diferentes”, acrescenta.

A direção musical da ODE muda a cada edição, assim como os participantes da orquestra, que são convocados de forma aberta. Cada diretor/a artístico/a traz propostas de relação com o grupo e abordagens à criação muito diversas. Na edição deste ano, a música e harpista Angélica Salvi é quem está a dirigir o grupo. A sua maestrização recorre a um método curioso, utilizando um conjunto de gestos, chamado *soundpainting*, criado originalmente pelo compositor Walter Thompson. A partir daí, surgem as paisagens sonoras em tempo real.

Um dos próximos desafios é juntar a ODE ao coro Outra Voz, um coletivo formado em Guimarães, em 2010. Todo o processo tem sido “muito enriquecedor”, garante Angélica Salvi – “as diferentes sensibilidades que cada um traz têm sido muito enriquecedoras para o processo. Todos os músicos têm algo diferente e interessante a dizer”.

O espetáculo acontecerá no Salão Medieval da Universidade do Minho. É uma sala muito comprida e por isso a disposição do coro e da orquestra será feita de forma particular. A ideia é que músicos, coristas e o público tenham uma experiência para ficar gravada na memória.

Angélica Salvi é uma harpista e compositora espanhola com uma extensa e diversificada carreira. Nos últimos anos, tem-se envolvido profundamente nos mundos da música jazz, pop, rock, experimental e eletrônica, colaborando com as áreas da dança, teatro e artes visuais.



Outra Voz: por que parece que estamos sempre tão longe?

Cada espetáculo da Outra Voz capta um momento particular. Uma remontagem de um espetáculo, a acontecer, será sempre diferente. A origem deste coro está ligada à pesquisa de Carlos A. Correia em torno dos limites da voz. É um dos projetos mais sólidos e interessantes que se mantêm de Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura.

Encontramo-nos com Carlos A. Correia no Círculo de Arte e Recreio, associação vimaranense. Foi neste espaço que foi apresentada, ainda antes de 2012, a ideia da constituição de um grande coro comunitário. “Lembro que definimos desde logo duas premissas: que o coro envolvesse experimentação vocal e que se mantivesse depois de 2012” – recorda Carlos.

Na atividade da Outra Voz há uma correspondência entre a ancestralidade e a vanguarda. Carlos acrescenta que “não há nada, no domínio da música clássica ou de outras linguagens mais complexas, como a música experimental, que não beba da tradição”.

Hoje, a Outra Voz funciona em permanência, a partir de seis coros, distribuídos pelo território. “A Outra Voz é um chão comum para a partilha cultural”, resume Carlos A. Correia. “Aí cabem todas as tradições. É muito bonito, mas bastante complexo.”

A dada altura, há um desafio que Carlos lança a Luís Fernandes, Diretor Artístico da Faz Cultura, “por que parece que estamos sempre tão longe?”. Pouco depois, o convite partia do Clube Raiz, desconhecendo que havia um desafio prévio. Braga e Guimarães ficarão certamente mais perto com o espetáculo que será apresentado no Salão Medieval da Universidade do Minho. “A ODE - Orquestra de Dispositivos Eletrónicos tem um funcionamento muito similar com o da Outra Voz, com profissionais e não profissionais, com mais ou menos experiência”, observa Carlos. “Começamos a trabalhar com a artista Angélica Salvi, que dirige a ODE em 2025 e que já tinha trabalhado com a Outra Voz. “Cada uma das partes trabalha uma estética sonora e agora a ideia é colocar essas duas abordagens lado a lado”, explica. “Estamos todos curiosos para perceber o que vai sair dali...”, confessa, antecipando o momento que, mais uma vez, será único e irrepetível.

Outra Voz é um grupo de comunidade dedicado à expressão e exploração vocais a partir da música de tradição e transmissão oral e não apenas. Criado a 18 de Julho de 2010, a partir da Área de Comunidade da programação da Guimarães 2012, constitui o único projeto artístico que permaneceu para além da realização da Capital Europeia da Cultura. Com uma formação que conta com cerca de uma centena de participantes, a Outra Voz é um ponto de encontro entre pessoas, bem como um genuíno fenómeno de autonomia e auto-organização efetivamente comunitária.







dom, 7 set — 15:30

Arco da Porta Nova → Rua do Souto → Praça da República
Inserido na Noite Branca Braga 2025

Arruada Clube Raiz Percussão comunitária bracarense em movimento

Os grupos de percussão são verdadeiros guardiões do património musical. Lideram a marcha com instrumentos de percussão tradicionais, onde cada batida ecoa entre as paredes das ruas e presta uma homenagem às raízes culturais. É impossível ficar indiferente a tamanha força. A arruada transcende a mera performance musical; é uma experiência que envolve a atenção de toda a comunidade, dos miúdos aos graúdos que, atraídos pelo poder do som, juntam-se à marcha, dançando ao ritmo dos tambores e das caixas, formando uma teia humana que demonstra bem os laços comunitários da identidade minhota.

Esta arruada é mais que um espetáculo; é um momento de comunhão de grupos que testemunha a vibrante vitalidade cultural local. É a celebração da união, da tradição e da alegria que se manifesta em cada batida dos tambores, contagiando todos os que têm a sorte de fazer parte desta experiência sonora.

Com direção artística pelo percussionista e professor bracarense Rui Rodrigues, esta arruada megalómana junta os grupos locais Equipa Espiral, Ida e Volta, Bombart, Bomboémia, iPUM, Bombos com Alma e Espinho Rufar, mas é também aberta a todos os percussionistas que se queiram juntar para que uma longa rua soe a uma só batida.

CURADORIA ILÍDIO MARQUES / BRAGA 25 CAPITAL PORTUGUESA DA CULTURA

DIREÇÃO ARTÍSTICA RUI RODRIGUES

PRODUÇÃO RITA MAIA

PARTICIPANTES GRUPO EQUIPA ESPIRAL, GRUPO IDA E VOLTA, GRUPO BOMBART, GRUPO BOMBOÉMIA, GRUPO IPUM,
GRUPO BOMBOS COM ALMA E GRUPO ESPINHO RUFAR

PARCEIRO NOITE BRANCA BRAGA 2025





De que se faz brava a inquietude

Bombos e caixas alinham-se em parada, preparando-se para percorrer as ruas da cidade de Braga, junto ao Arco da Porta Nova. A primeira Arruada do Clube Raiz teve a participação de sete grupos de percussão, em pleno São João de Braga, voltando a repetir-se a 7 de setembro, agora integrada no programa da Noite Branca 2025.

Havia uma inquietação naquela atmosfera, visível na face dos participantes. Rui Rodrigues dirigiu o grupo com mais de uma centena de percussionistas. Há um conjunto de emoções muito fortes que tem de ser gerido com a precisão dos tempos e dos ritmos. Rui não esconde o significado especial de momentos como este, por estarem associados a memórias felizes do seu percurso como músico. Dirigir um grupo com esta dimensão não é uma experiência nova para si. Apesar disso, tem sempre dificuldade em descrever o que sente.

No meio de tantas emoções, o processo de trabalho tem de ser metódico. Cada grupo tem o seu ritmo – “o foco estava na força do coletivo, na clareza do som e na alegria do momento”, diz-nos.

Ao contrário de uma apresentação num palco, com um maestro, um desfile necessita de uma coordenação particular. É mais fácil o grupo divergir – “manter tudo ligado, do início ao fim, é um exercício de escuta, gestão e antecipação”.

A arruada do Clube Raiz foi ainda particularmente emotiva, porque alguns dos tocadores tinham participado na oficina promovida pelo Clube Raiz, dinamizada por Rui Rodrigues. “Ver essas pessoas, que começaram há pouco, ao lado de outras mais experientes, foi muito fixe”, confessa.

A arruada do Clube Raiz está ainda aberta a quem queira participar. “O ideal é que apareçam, que entrem em contacto connosco, para serem integrados nos ensaios. É ótimo que [todos] participem”, conclui o percussionista.

sáb, 20 set
Adro da Igreja Paroquial de Crespos/
Comissão de Festas de Santa Eulália

sáb, 8 nov
Salão Paroquial de Sequeira

Roda(s) da Tradição

A par da música, o ato de partilhar assume um papel central no Clube Raiz e, por isso, cada evento é pensado como uma experiência coletiva única. Temos como compromisso a construção de uma comunidade unida na paixão pela cultura minhota, onde todas as pessoas são convidadas a partilhar não apenas música, mas também as tradições, histórias, memórias e costumes que moldam a nossa identidade. Para reforçar esta rede de afinidades e fortalecer os laços comunitários do nosso território, o Clube Raiz viaja por quatro freguesias do concelho de Braga e propõe um conjunto de quatro encontros que, juntam à mesma mesa, uma conversa aberta sobre música tradicional, os sabores da cozinha regional, confecionados pelo Chef Rui Lemos Souza e pela comunidade, e uma atuação informal de um grupo musical bracarense. Depois de uma passagem pela Casa dos Carvalhos, em Padim da Graça, e pelo Espaço da Comissão de Festas da Nossa Senhora do Carmo, em Cunha, viajamos até às freguesias de Crespos e Sequeira, para a terceira e quarta edições da Roda da Tradição, onde há sempre lugar para mais um, com talheres na mão ou com um instrumento musical.





Programa Crespos

14:30

Abertura

15:30

Conversemos sobre: “Que braguesa é essa?”

17:00

Apresentação Comer a paisagem
Gastronomia com Rui Lemos Souza

18:00

Atuação do grupo Origem Tradicional

TUB – TRANSPORTES URBANOS DE BRAGA
LINHA 73 (AVENIDA CENTRAL → POUSADA/PTE PORTO VIA NAVARRA) 1 EUR IDA E VOLTA

PARCEIROS DESCENTRAR BRAGA, JUNTA DE FREGUESIA DE CRESPOS E POUSADA,
COMISSÃO DE FESTAS DE SANTA EULÁLIA, GRUPO ORIGEM TRADICIONAL

Programa Sequeira

14:30

Abertura

15:00

Conversemos sobre: “Do Minho à Galiza: o que cantais/tocais vós?”

16:30

Um olhar sobre o presépio movimentado de Sequeira

17:00

Apresentação Comer a paisagem
Gastronomia com Rui Lemos Souza

18:00

Atuação da Orquestra de Cordofones Tradicionais de Braga

TUB – TRANSPORTES URBANOS DE BRAGA
LINHA 66 (CABREIROS → GUALTAR) 1 EUR IDA E VOLTA

PARCEIROS DESCENTRAR BRAGA, JUNTA DE FREGUESIA DE SEQUEIRA,
PARÓQUITA DE SEQUEIRA, COMISSÃO DE FESTAS DA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO,
ORQUESTRA DE CORDOFONES TRADICIONAIS DE BRAGA

Comer a Paisagem

com Chef Rui Lemos Souza

Desde tempos difíceis de precisar que caminheiros e peregrinos se dirigem em romaria a promontórios e templos em adoração religiosa. Manifestações de sacrifício e fé. Não há terra a que falte a sua festa. Grupos da comunidade juntam-se para constituir as comissões, que têm a incumbência de preparar as festas da terra. É nas sedes destas comissões que se têm realizado as Rodas da Tradição, onde se juntam a gastronomia, a conversa e a música tradicional.

Susana Ribeiro tem sido uma das participantes regulares destes encontros. Natural de Vizela, Susana faz parte de uma família grande e está por isso acostumada, no contexto familiar, a estar numa mesa grande: “o momento da refeição sempre foi para mim (e para a minha família) um momento de conversas infinitas, de contar tudo e mais alguma coisa”.

Começamos por nos sentarmos à mesa enquanto na cozinha se prepara um prato tradicional. O cozinheiro Rui Lemos é quem procura, através do modo tradicional de confeccionar os petiscos ou os pratos, introduzir algum elemento novo. “Achei fantástica a modéstia do Chef Rui a pedir dicas à senhora da associação”, refere-nos Susana, referindo-se à partilha de que se fazem também estes encontros.

Miguel Afonso também esteve presente nos encontros anteriores da Roda da Tradição. Miguel conheceu Rui Lemos “através da música, com Dada Garbeck, e foi também o nome do Chef Rui Lemos que me chamou a atenção”. A participação num popular programa de TV foi seguida tanto por Miguel como por Susana – “acompanhei a temporada do Masterchef em que o Rui venceu”, diz-nos Susana.

A componente gastronómica foi o que mais lhe chamou a atenção. “Fiquei curioso para saber o que o Chef ia fazer”, diz-nos Miguel Afonso para início de conversa. “É uma ideia muito feliz. É sempre bom quando nos juntamos à volta de uma mesa a comer, a conversar. Há sempre algo que se partilha à mesa” – conclui.

O tempo nestas tardes faz-se outro, mesmo que o dia vá escurecendo mais cedo. “Nestes encontros sente-se calma, as coisas fazem-se com tempo” – confessa Susana. Tempo que se dilata pausadamente para que fique melhor gravado nas memórias individuais. Miguel concorda: “É importante conseguir ter tempo para escutar ativamente, algo cada vez mais difícil.” Tempo que aproxima e se faz relação.

Queres cozinhar
com o chef Rui
Lemos Souza e com
a comunidade?

Junta-te à confeção do
prato gastronómico,
aprende e partilha o teu
saber. Inscreve-te em
braga25.pt
Vagas limitadas.



Conversamos sobre: “Que braguesa é essa?”

com B Fachada, José Gonçalves
e Luís Capela

O Clube Raiz é um espaço para a reflexão e para a troca de ideias. Um terreno fértil para a partilha de conhecimento e pensamento. Através de um ciclo de conversas, que abordam temas relacionados com a música tradicional, o Clube Raiz estimula o pensamento crítico, a partilha de conhecimento e a discussão construtiva.

Enquanto aguardamos pela gastronomia minhota, o Clube Raiz propõe conversarmos sobre a viola braguesa, instrumento de cordas tradicional de Braga e um símbolo da cultura popular minhota. Com raízes no século XVIII, a viola braguesa é um membro importante da família das violas portuguesas. À volta da mesa, estará quem a conhece melhor, para partilhar o saber sobre a sua origem popular, o papel nas festas e romarias, a sua construção e afinações, e a sua evolução ao longo dos tempos. Entre memórias, saberes e sons, demonstra-se a paixão por um instrumento que resiste ao tempo e continua a inspirar novas gerações.

Luís Capela e B Fachada, músicos, e José Gonçalves, construtor, conversam apaixonadamente sobre um instrumento que resiste ao tempo e continua a inspirar novas gerações. A moderação está a cargo de Armando Sousa, arquivista e programador na Fonoteca Municipal do Porto.

→ Moderação

Armando Sousa é arquivista e programador na Fonoteca Municipal do Porto, onde dinamiza uma coleção de discos de vinil através de atividades multidisciplinares, entrevistas e sessões de escuta. A sua relação com a música transcende, no entanto, as quatro paredes e as dezenas de milhares de discos que ocupam o seu dia a dia.

→ Participantes

B Fachada nome artístico de Bernardo Fachada, é figura ímpar na música portuguesa do século XXI. Compositor, multi-instrumentista e produtor,

subverte cânones e desarma rótulos. Lançou inúmeros EPs e álbuns desde 2007, com destaque para “Rapazes e Raposas” (2020). Atuou com nomes como Sérgio Godinho ou Dead Combo, e marcou a cena com concertos inesperados e uma escrita onde biografia e obra se confundem.

José Gonçalves, ou “Zé Violas”, nasceu em Braga em 1969 e é violeiro desde os 12 anos. Filho mais novo do construtor António Gonçalves, dá seguimento à tradição familiar, construindo artesanalmente cavaquinhos, guitarras portuguesas, violas braguesas, campaniças, beiroas, amarantinas e outros cordofones.

Usa madeiras nobres e detalhes em ébano e madrepérola. O som, a afinação e o design tornam o seu trabalho reconhecido por músicos e colecionadores.

Luís Capela é músico, compositor e professor. Estudou guitarra clássica e pedagogia musical, tendo lecionado em diversas instituições. Desde 2014 dedica-se à valorização da viola braguesa, com composições apresentadas em Portugal e no estrangeiro. Coorganiza as Jornadas de Viola Braguesa e fundou o grupo Ai Braguesa. Em 2023 lançou o CD *Sá de Miranda musicado por Luís Capela*.

Conversamos sobre: “Do Minho à Galiza, o que cantais/tocais vós?”

com Anxo Pintos, Daniel Pereira Cristo
e Jaime Torres

É mais o que nos une do que o que nos separa. No Minho e na Galiza, toca-se e canta-se. Mas o que se canta e se toca, afinal? E que há em comum entre os povos de cada lado da fronteira quando falamos de música? Repertórios, ritmos, temáticas, danças e instrumentos revelam afinidades profundas.

Nesta conversa, que celebra uma identidade musical feita de muitos pontos de contacto, partimos à descoberta do rico universo sonoro que une o Minho e a Galiza, com os contributos de três figuras essenciais — Anxo Pintos, Daniel Pereira Cristo e Jaime Torres — cujo percurso reflete décadas de trabalho e dedicação a esta ligação que nem o rio Minho consegue separar. A moderação estará a cargo de Armando Sousa, arquivista e programador na Fonoteca Municipal do Porto.

→ Participantes

Anxo Pintos é multi-instrumentista galego, mestre de sanfona, gaita, violino e saxofone. Cofundador dos grupos Berrogüetto e Lizgairo, é membro destacado da orquestra folk SondeSeu. Compositor e docente na ETRAD — Escola Municipal de Música Folk e Tradicional de Vigo, é uma das figuras-chave da música tradicional galega contemporânea.

Nascido em Braga, Daniel Pereira Cristo é músico, multi-instrumentista e cantor, amplamente reconhecido pela destreza nos cordofones tradicionais. Começou no cavaquinho aos 8 anos no grupo Origem Tradicional. Venceu o Prémio Carlos Paredes 2018 com o álbum *Cavaquinho Cantado*, e lançou os discos *De Pernas para o Ar* e *Malva Globo*. Atua por Portugal, Galiza e internacionalmente, ministra oficinas, e desenvolve projetos que cruzam tradição e contemporaneidade.

Jaime Torres é músico de Braga e membro fundador do grupo Canto D’Aqui, com o qual há décadas promove a música tradicional portuguesa, em especial do Minho. Fundador do festival Convergências Portugal Galiza, dedica-se ainda à recolha, preservação e reinvenção do repertório popular, com especial foco na cultura musical bracarense. É uma das figuras centrais da música tradicional da região de Braga.

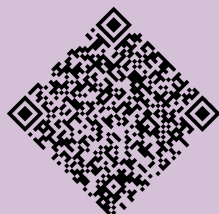
Origem Tradicional

Um amor de água doce

Os dias corriam serenos na localidade de São Mamede de Este. Casimiro Pereira tinha acabado de lá chegar para aí viver e ia preenchendo parte dos seus tempos livres a aprender acordes numa guitarra. Os sons daquele instrumento terão chegado aos ouvidos de um outro rapaz, que por ali passava amiúde, e a notícia de que havia um rapaz que sabia tocar espalhou-se rapidamente na aldeia.

O jovem da guitarra é Casimiro, nascido em 1952, natural de São Vitor, que nos recebe num sábado de manhã, ainda com as memórias frescas do concerto da noite anterior, nas festas de São João de Braga. Está visivelmente satisfeito. Tocaram os temas do disco novo. São canções que giram em torno do Rio Este, a linha de água que nasce na localidade de São Mamede de Este e vai desaguar no Rio Ave. “Cantamos o rio e quisemo-nos focar neste território, onde a cidade de Braga foi fundada e cantamos também o amor”, refere.

Pelo Origem Tradicional foram passando muitos músicos. “Há sempre gente que gosta”, diz-nos Casimiro, completando que o grupo, sendo amador, procura melhorar sempre a qualidade do que faz, que é a música de raiz. As letras integram-se nos ritmos e nos temas do Minho — malhões, viras e chulas — “há que mostrar aos mais novos aquilo que os mais velhos fizeram”, aponta Casimiro. “As gravações são essencialmente para preservar esse património riquíssimo que nós temos”, conclui. Temas novos e antigos poderão ser ouvidos neste terceiro encontro da Roda da Tradição.



Origem Tradicional nasceu no seio do Grupo Cultural de São Mamede de Este, tendo-se estreado em fevereiro de 1978. Desde então foram passando pelo grupo muitos músicos e apaixonados que aqui tiveram escola, com os quais o Origem foi fazendo concertos dentro e fora de portas, sempre com o objetivo da divulgação e celebração da música e cultura de raiz portuguesa, com particular foco em Braga e na região do Minho. O trabalho do grupo está entre as novas criações e a reinterpretação do cancionário minhoto, com novos arranjos e abordagens.



À mesa com os cordofones do Minho

“A história começa por aqui: sou professor há 25 anos e comecei por construir instrumentos de percussão com os meus alunos.” Foi assim que José Rego deu os primeiros passos num percurso que o levaria a dedicar-se por inteiro à música tradicional portuguesa. Pelo caminho, não lhe faltaram cúmplices. À medida que aumentavam as solicitações para implementar projetos em escolas, foi criando grupos e associações, sempre com um objetivo claro: valorizar os instrumentos tradicionais e dar-lhes palco.

Depois do “boom” da percussão tradicional, José Rego notou que, à exceção do bandolim e da guitarra portuguesa, os cordofones estavam a perder protagonismo. Foi dessa inquietação que nasceu a Orquestra de Cordofones Tradicionais de Braga, para dar estrutura, visibilidade e dignidade aos instrumentos que continuam fora do ensino formal.

No início, tocava-se de ouvido, “como antigamente”, mas com o tempo, a Orquestra profissionalizou-se. “Começámos a escrever partituras e hoje temos 63 temas arrançados por naipes”, conta. Com ensaios semanais e formação orientada pelo maestro Jorge Castro, a Orquestra tornou-se um coletivo com vocação artística e pedagógica. Alguns músicos não se adaptaram, mas os que ficaram, aceitaram o desafio de corpo e alma. “Queremos mostrar que estes instrumentos têm tanto valor como os outros.”

José Rego conta, divertido, que a Orquestra tem surpreendido por onde passa: “Num concerto recente, quando saímos do autocarro, ainda sem os nossos trajes a rigor, notámos o olhar intrigado dos jovens da filarmónica. Viram um grupo mais velho e hesitaram. Mas quando começámos a tocar, ouviu-se um ‘uou’. Ficaram tão impressionados que não nos queriam deixar sair do palco!”

Na Roda de Tradição, José Rego promete música, conversa e partilha. Diz, com graça, que “as grandes decisões tomam-se sempre à mesa”, esperando que estes momentos sirvam para semear ideias e criar pontes.





Fundada em 2015 e composta por músicos — amadores e profissionais — dos 16 aos 70 anos de idade, a Orquestra de Cordofones Tradicionais de Braga (OCTB) nasceu sob a alçada da Associação ProjeT'Arte na Tradição, com o propósito de reunir e valorizar os instrumentos tradicionais portugueses numa formação orquestral,

afirmando-se como um projeto intergeracional e comunitário, enraizado na identidade cultural de Braga. A OCTB assume como missão a preservação, promoção e reinvenção da música tradicional, elevando os cordofones tradicionais ao contexto artístico contemporâneo. Conta com a direção artística e musical do maestro Jorge Castro.



Oficinas de Formação

No Clube Raiz, o conhecimento é uma semente que floresce e une gerações. Através de um programa formativo, são promovidos encontros de aprendizagem prática em torno dos instrumentos tradicionais, onde os participantes vão ter oportunidade para explorarem e darem os primeiros passos no universo destes instrumentos. Sob orientação de nomes de referência, estas oficinas abordam não apenas técnicas, como também a sua história e o significado cultural. Estes momentos de formação fortalecem competências musicais, preservam saberes e mantêm vivas as tradições do Minho, garantindo a sua continuidade e relevância para as gerações atuais e futuras.

sáb, 4 e dom, 5 out
gnration

Oficina de Canto Polifónico

Nesta oficina, iremos conhecer a história do canto polifónico e do seu cancionero, enraizado na música tradicional portuguesa. Vamos entender a sua associação ao mundo rural, passando ainda pelas técnicas vocais utilizadas neste canto a várias vozes e tons. Uma experiência única, ministrada pelas vozes melódicas e autênticas do Grupo de Cantares Mulheres do Minho. Criado em 1998 com o propósito de preservar e divulgar a música cantada por mulheres, o Grupo de Cantares Mulheres do Minho é um dos mais emblemáticos de Braga. Com cantares associados ao trabalho quotidiano do mundo rural do Baixo Minho, este grupo de cantares polifónicos espelham as vivências de outros tempos através de um conjunto de vozes executadas à capela.

PARTICIPAÇÃO GRATUITA (INSCRIÇÃO EM BRAGA25.PT)
LIMITADO A 15 PARTICIPANTES PÚBLICO-ALVO CANTORES E NÃO CANTORES QUE QUEIRAM
TER UM PRIMEIRO CONTACTO COM O CANTO POLIFÓNICO
FORMADOR GRUPO DE CANTARES DE MULHERES DO MINHO PARCEIRO GNRATION,
ASSOCIAÇÃO DE CANTO A VOZES - FALA DE MULHERES



O Grupo de Cantares Tradicionais Mulheres do Minho formou-se em Braga, em 1997, após um trabalho de pesquisa e recolha dos cantos polifónicos das lavradeiras minhotas e a publicação do livro “Os Cantares Polifónicos do Baixo Minho”. O grupo tem como objetivo dar a conhecer, valorizar e preservar esta música que era interpretada por mulheres rurais, sem qualquer acompanhamento instrumental, a 3, 4 e 5 vozes que entram por patamares. Atualmente é composto por 16 mulheres.

Cantar a tradição a muitas vozes

com o Grupo de Cantares
Mulheres do Minho

Depois da simbiose tão especial vivida em janeiro com o Conservatório de Música Calouste Gulbenkian, o Grupo de Cantares Mulheres do Minho regressa à Braga 25 para conduzir uma oficina onde se pretende celebrar e transmitir cantares tradicionais.

O grupo surgiu a partir da investigação de Ana Maria Azevedo, realizada durante o seu mestrado em Cultura e Literatura Populares na Universidade NOVA de Lisboa, no início dos anos 1990. Hoje, é uma referência na preservação e transmissão dos cantares polifónicos do Baixo Minho. Com ensaios semanais na Junta de Freguesia de São Victor, em Braga, o grupo tem vindo a alargar a sua ação através de formações, recolhas e apresentações públicas, juntando saber académico e vivência musical.

Com a clareza e a entrega de quem conhece profundamente este território, Ana Maria Azevedo continua a conduzir as oficinas com a paixão de quem viveu de perto a urgência de registar e preservar um património que via desaparecer. “Dei-me conta que era algo em vias de extinção”, recorda. “Muitas das senhoras que me cantaram músicas nos anos 1980 já tinham morrido quando voltei.” O impulso para formar o grupo nasceu desse vazio e da vontade de dar continuidade a uma prática profundamente enraizada nas vivências femininas do campo. Como diria a etnomusicóloga belga Anne Caufriez, citada por Ana Maria Azevedo, “aos homens os instrumentos, às mulheres a voz”. Esta é uma tradição feminina precisamente por isso, “embora as mulheres tivessem as mãos sempre ocupadas em mil trabalhos, eram as detentoras deste ancestral modo de afugentar a fadiga: juntavam-se, normalmente em meia rodinha, e perpetuavam estes cantares”, explica Ana.



A oficina segue o método que o grupo foi afinando ao longo dos anos: escolhem-se três ou quatro cantigas do repertório tradicional, começa-se com uma melodia mais simples, em duas vozes, e explora-se progressivamente a harmonia polifônica, sempre com base na escuta, no corpo e na memória. “Primeiro aprendem a voz mais grave, onde está a melodia; depois vamos subindo. Quando há quem consiga fazer a voz mais aguda, o chamado guincho, temos logo ali magia”, acrescenta Ana Maria, com visível entusiasmo.

A prática é sempre acompanhada por explicações sobre o contexto das músicas, a sua função social e os modos de transmissão antigos, muitas vezes apenas orais, sem recurso a partitura. “Queremos manter a linguagem delas, os bês, os ‘num’ em vez de ‘não’, como elas diziam.”

A oficina culmina com uma pequena apresentação final entre os participantes, onde estes partilham o que aprenderam. “Dá-nos gozo fazer com os outros aquilo que fizeram connosco. É passar a história. E é uma catarse, dizem muitas mulheres. Aqui quase se grita. E gritar faz falta.”



sáb, 15 e dom, 16 nov
Museu do Traje Dr. Gonçalo Sampaio

Oficina de Viola Braguesa

Nesta oficina teórica e prática dedicada à viola braguesa, cordofone tradicional do Minho, abordaremos a história, construção, afinações e técnicas de execução deste cordofone, promovendo o contacto direto com o instrumento. Através de momentos de escuta, partilha e experimentação, esta oficina tem como objetivo contribuir para maior sensibilidade à cultura musical minhota e à Viola Braguesa como Violas de arame da região de Braga. Destinado a músicos e não músicos, estudantes e curiosos, esta oficina oferece uma introdução acessível e envolvente à viola braguesa, instrumento com raízes no século XVIII, associada ao repertório popular e às modas cantadas da região. A oficina é ministrada por Luís Capela, professor, músico e membro fundador da Associação dos Amigos da Viola Braguesa.

PARTICIPAÇÃO GRATUITA (INSCRIÇÃO EM BRAGA25.PT)
LIMITADO A 15 PARTICIPANTES PÚBLICO-ALVO MÚSICOS E NÃO MÚSICOS QUE PRETENDAM
TER UM PRIMEIRO CONTACTO COM A VIOLA BRAGUESA
FORMADOR LUÍS CAPELA PARCEIRO MUSEU DO TRAJE DR. GONÇALO SAMPAIO

Tocar as raízes, compor o futuro

com Luís Capela

Foi ainda na adolescência que Luís Capela tocou pela primeira vez viola braguesa. Ficou imediatamente fascinado com o som brilhante, cheio de ressonâncias inesperadas. Como naquela altura era um autodidata com poucos recursos e referências, deixou o fascínio adormecer. “Não conhecia ninguém que tocasse viola braguesa de forma consistente”, recorda. A música, no entanto, nunca lhe saiu do caminho.

Mais tarde, “já adulto e com família”, estudou guitarra clássica no conservatório, formou-se em pedagogia musical e trocou o trabalho na área da eletrónica pelo ensino da música.

Em 2015, uma mudança na rotina levou-o a redescobrir a braguesa, agora com uma bagagem técnica e artística mais sólida. Começou a compor, a dar formação e a construir um caminho dedicado a um instrumento que estava “um pouco abandonado”.

“Entrei num mundo que não sabia que existia, o das violas de arame portuguesas, que são muitas. Para além da braguesa, temos a amarantina, a campaniça, a beiroa, a toeira, a dos Açores e a da Madeira.” Criou o grupo musical *Ai Braguesa*, cofundou a Associação dos Amigos da Viola Braguesa e coorganizou três edições das Jornadas de Viola Braguesa, em Braga. Participou ainda no processo de certificação do instrumento e é hoje uma das figuras centrais na sua valorização contemporânea.

Na oficina que vai dinamizar, Luís Capela quer adaptar-se aos participantes, sejam músicos experientes ou curiosos a estabelecer um primeiro contacto. Mais do que ensinar técnicas, pretende transmitir o contexto e a identidade do instrumento. “A braguesa ainda não tem uma escola definida. Está tudo em construção e isso dá-nos uma liberdade incrível. Estamos a fazer o caminho juntos.”

Com saber e abertura, Luís Capela ensina a braguesa como quem conta uma história, viva, em evolução, feita a várias mãos. “Quero dar a conhecer a origem da viola, perceber de onde vem e imaginar para onde pode ir. E se alguém trazer uma ideia nova, uma abordagem diferente, melhor ainda. É isso que enriquece o processo.”

Porque, afinal, tocar braguesa é isso mesmo: tocar as raízes e compor, com elas, futuros possíveis.

Luis Capela é músico, compositor e professor. Estudou guitarra clássica e pedagogia musical, tendo lecionado em diversas instituições. Desde 2014 dedica-se à valorização da viola braguesa, com composições apresentadas em Portugal e no estrangeiro. Coorganiza as Jornadas de Viola Braguesa e fundou o grupo Ai Braguesa. Em 2023 lançou o CD *Sá de Miranda musicado por Luis Capela*.







sex, 19 dez – 21:30

Theatro Circo

Seara – A Música Portuguesa em Evolução

com Amélia Muge, Daniel Pereira Cristo,
Júlio Pereira, Manuel de Oliveira, Miguel Veras,
Quiné Teles e Rão Kyao

Neste concerto colaborativo e resultante de encomenda do Clube Raiz, que terá aqui a sua última apresentação do ano, juntam-se em palco Amélia Muge, Daniel Pereira Cristo, Júlio Pereira, Manuel de Oliveira e Rão Kyao, acompanhados por Miguel Veras e Quiné Teles. O espetáculo tem direção e produção musical de Hélder Costa. Seara simboliza um terreno fértil onde a música portuguesa germina e se transforma. Cada músico traz a sua identidade e percurso, compondo um corpo coletivo que funde tradição, inovação e diálogo artístico, para uma celebração da cocriação. O repertório cruza obras originais e arranjos inéditos, nascidos da convivência entre linguagens musicais enraizadas na nossa cultura e abertas ao mundo. Uma paisagem sonora onde vozes, instrumentos e ideias se entrelaçam num concerto irrepetível, que honra o passado e semeia o futuro da música portuguesa.

PREÇO 15 EUROS (COM DESCONTOS APLICÁVEIS)
PARCEIROS ÉVORA 27 – CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA, THEATRO CIRCO,
ARCA DE SONS ASSOCIAÇÃO CULTURAL

SEARA

MÚSICOS AMÉLIA MUGE, DANIEL PEREIRA CRISTO, JÚLIO PEREIRA,
MANUEL DE OLIVEIRA, MIGUEL VERAS, QUINÉ TELES E RÃO KYAO
DIREÇÃO E PRODUÇÃO MUSICAL HÉLDER COSTA PRODUÇÃO CARLA COSTA

CLUBE RAIZ

CURADORIA ILÍDIO MARQUES PRODUÇÃO RITA MAIA
COORDENAÇÃO TÉCNICA JOSÉ PEDRO CALDAS



Um concerto para lavrar o tempo

Há concertos que são verdadeiros encontros. Nesta Seara particularmente inspiradora, juntam-se criadores maiores da música portuguesa, cúmplices em talento, afetos e liberdade. Vão dar vida a um dos espetáculos mais aguardados da Braga 25: uma celebração da música portuguesa em permanente evolução, onde tradição e invenção se tocam, se misturam e se ampliam.

Seara não é apenas uma metáfora para o terreno fértil da música portuguesa, é também a imagem concreta de um presente coletivo, onde a criação nasce do encontro. Amélia Muge, figura proeminente da música e da palavra, descreve o projeto como “uma espécie síntese das coisas que já foram acontecendo” no contexto da Capital Portuguesa da Cultura, mas também como continuidade de práticas artísticas em rede, feitas de comunidade e partilha. “Cada vez mais valorizo projetos onde a ideia de coletivo está muito presente”, afirma, convicta. Para Amélia, a Seara representa também uma “ligação afetiva” com quem lhe transmitiu saber: “O Júlio Pereira foi a pessoa com quem aprendi a tocar adufe”, recorda.

Mais do que um alinhamento de músicos notáveis, Seara é uma escuta ativa entre gerações. Se olharmos para o grupo sob a lente do tempo, Amélia Muge, Júlio Pereira e Rão Kyao integram uma geração, Daniel Pereira Cristo e Manuel de Oliveira outra. Mas a Seara celebra o que cada um é no presente. “O que nos permite criar um diálogo de futuro não são as nossas idades”, sublinha Amélia, “é a sensibilidade que temos para olhar o que nos rodeia e para a nossa história coletiva”.

E como se conjugam todas as individualidades num só corpo? Para Hélder Costa, responsável pela direção e produção musical do espetáculo, “esse equilíbrio é, precisamente, o desafio e a riqueza deste projeto”. “Cada músico traz consigo um universo sonoro próprio, seja através dos instrumentos, da escrita ou da interpretação, e a minha função, é criar espaço para que essas singularidades possam expressar-se plenamente, em diálogo umas com as outras”, assegura.

A ideia de seara ganha aqui uma dupla dimensão: a de criação e de legado. “Nós próprios poderemos ser, de alguma maneira, incluídos numa ideia de semente com pernas”, brinca Amélia. Mas a imagem carrega a convicção de que este encontro é mais do que um exercício de repertório: é um gesto consciente de continuidade, feito de escuta e abertura ao inesperado.

Rão Kyao, mestre das flautas e dos cruzamentos entre Oriente e Ocidente, reconhece a afinidade entre todos os músicos, companheiros de outras colaborações, e valoriza o espaço dado à improvisação. “É bom haver uma certa sensação de ‘sem rede’ nos projetos.” Para ele, esta Seara é, acima de tudo, uma “raiz com asas”, afirma, com um sorriso.


Daniel Pereira Cristo, músico dos cordofones minhotos e da memória da tradição oral, vê neste encontro uma espécie de “resistência revolucionária”. “Mostrar que esta nossa expressão cultural portuguesa faz mais sentido do que nunca, é uma forma de resistir à tendência de tudo ficar igual”, afirma. Com o cavaquinho como companheiro e Júlio Pereira como figura tutelar (“não gosto da palavra padrinho, mas ele puxou muito por mim”), a Seara convoca em Daniel a ética do cuidado entre gerações e uma visão para o futuro: “a humanidade precisa de autores que consigam inventar novos caminhos”.

A paisagem sonora que daqui surgirá será, certamente, irrepetível.

Miguel Veras e Quiné Teles completam esta formação rara. Músicos experientes, sensíveis, essenciais para a respiração e coesão do espetáculo.

Todos juntos, darão corpo a uma ideia de música como lugar de encontro, de travessia e reinvenção. E se a seara evoca colheita, aqui o mais importante talvez seja o que virá depois: conversas que germinam, gestos que se repetem noutros palcos, ecos que permanecem.

“Acho lindíssimo que este concerto apareça no fim da programação da Braga 25. Os fins são sempre uma passagem para outra coisa que vai surgir e isso é sempre entusiasmante”, afirma Amélia Muge, certa. Porque esta não é uma celebração do que foi. É uma afirmação do que ainda pode ser.

A photograph of a theater stage. The stage is covered with heavy, vertical red curtains. The lighting is warm and focused on the stage. In the foreground, the silhouettes of an audience are visible, seated in rows of chairs, looking towards the stage. The overall atmosphere is that of a quiet moment in a performance or rehearsal.

Nascido em Braga, Daniel Pereira Cristo é um músico, multi-instrumentista e cantor, reconhecido nacionalmente pela destreza nos cordofones tradicionais. Em 2018 foi galardoado com o Prémio Carlos Paredes pelo seu primeiro trabalho a solo, Cavaquinho Cantado.

Com mais de 40 anos de carreira, Rão Kyao é uma figura ímpar da música portuguesa. O flautista e compositor nascido em Lisboa, considerado uma das figuras mais importantes do jazz em Portugal, inspira grande parte dos seus trabalhos na música indiana, árabe, africana e chinesa, restabelecendo o elo entre a música tradicional portuguesa e o oriente.

Músico e compositor, Júlio Pereira, uma das figuras mais importantes da música nacional, é responsável por alguns dos mais marcantes discos da música tradicional portuguesa. Ladeou José Afonso ao vivo e em discos, percorreu o mundo e conhece o cancionário tradicional português como ninguém.

Aclamado pela crítica como um dos mais promissores guitarristas compositores da atualidade, Manuel de Oliveira é um guitarrista de exceção, a quem se pode aplicar o adjetivo de virtuoso. Em 2023, foi galardoado com o Prémio Carlos Paredes e, em 2024, criou o espetáculo "Lá no Xepangara", um tributo à cultura africana em Zeca Afonso.

Cantora e compositora, Amélia Muge conta com vários discos editados e inúmeras canções escritas para outros cantores. Desenvolve trabalho em diferentes disciplinas como a música, teatro, dança, cinema de animação, ilustração, literatura e multimédia. É considerada pioneira em Portugal do canto individual a vozes e de criação de ambientes vocais.



Cordas minhotas, correntes atlânticas

Cavaquinho Júlio Pereira

Nesta edição, Armando Sousa propõe-nos o terceiro disco de quatro que selecionou para a revista Raiz — quatro visões ecléticas sobre o local e o tradicional da música portuguesa, convocando-nos para a sua audição.





cavaquinho
júlio pereira

A viagem de Júlio Pereira pela música portuguesa é um roteiro da procura das suas raízes, através de cordas e correntes. Durante a década de setenta, este vizinho do Tejo percorreu tendências, do rock progressivo dos Petrus Castrus e da sua variante mais ácida — os Xarhanga — até à emergência na música de intervenção, quando colaborou com grandes nomes do panorama como Adriano Correia de Oliveira, José Afonso ou Teresa Silva Carvalho. Desta feita, chegaria inevitavelmente às margens da música popular, onde desembarcaria com Cavaquinho. Publicado em 1981, este LP é uma homenagem ao pequeno tetracórdio minhoto e ao cancionero português, mas não só. Assim, numa viagem à procura das suas origens musicais, Júlio Pereira encontrou-se com um instrumento que, tal como o Minho na sua condição atlântica, foi à procura de novos portos.

Do outro lado do oceano, no Havai, “a pulga que salta” foi o instrumento favorito da rainha Lili‘uokalani, compositora da famosa canção Aloha ‘Oe. Antes de ser deposta, a última monarca de Honolulu, profunda conhecedora das longínquas origens do seu ukulele, decidiu atribuir um novo significado àquelas sílabas em havaiano: “a prenda que veio do mar”. Certamente saberia que aquele instrumento de quatro cordas, tão popularizado na sua ilha durante o século XIX, como no resto do mundo durante as centúrias posteriores, tinha empreendido uma longa viagem desde a costa minhota até às Américas, passando pelos arquipélagos da Madeira, dos Açores e de Cabo Verde, sob vários nomes e mutações como machete ou braguinha.

No seu livro *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, Orlando Ribeiro trata de resumir a condição atlântica portuguesa, mais notória pela original continuidade no noroeste do país. Para o geógrafo, esta posição resume-se sobretudo pela forma como o histórico voto ao esquecimento deste litoral se tornou o ponto de partida europeu para as mais longínquas ligações. “O mar é o mais poderoso factor de relações geográficas remotas. Caminho aberto para todos os lugares do mundo, nas suas cidades-portos o exótico cabe sempre entre o local.” Assim é o cavaquinho minhoto, exótico e local ao mesmo tempo.

Clube Raiz

- Curadoria
Ilídio Marques
- Produção
Rita Maia
- Coordenação técnica
José Pedro Caldas

Revista Raiz

- Coordenação editorial
Luís Nobre
- Redação
Cláudia Lomba
Paulo Dumas
- Design
Design by OOF
- Fotografia
Lais Pereira
Ivo rainha (p.11)
José Caldeira (p.30, 36)
- Capa, contracapa
e interior
Susana Alves/David Alves
Grupo Folclórico da
Universidade do Minho
Batalhão de Bombeiros
Sapadores de Braga
- Impressão
Lidergraf -
Sustainable Printing
- Tiragem
3.000 exemplares
- Depósito legal
541631/24

A Equipa de Missão
da Braga 25 resulta da
colaboração entre o
Município de Braga e a
Faz Cultura - Empresa
Municipal de Cultura
de Braga, E.M.

Braga 25 Capital Portuguesa da Cultura

- Coordenação Executiva
Joana Meneses Fernandes
- Coordenação programa
artístico
Luís Fernandes
Ilídio Marques
Sara Borges
Maria Inês Marques
- Gestão de projeto
Ana Brito
- Produção
Natacha Correia
Carolina Cardoso
- Mediação
Cláudia Cibrão
- Comunicação
Samuel Silva
Mariana Volz

Câmara Municipal de Braga
Divisão de Cultura do
Município de Braga

www.braga25.pt

Agradecimentos

- André Marcos
- Associação Cultural
Outra Voz
- Batalhão de Bombeiros
Sapadores de Braga
- Braga Media Arts
- Circuito -
Serviço Educativo
Braga Media Arts
- Comissão de Festas
de Santa Eulália
- David Alves
- ETRAD - Escola
Municipal de Vigo de
Música Folk e Tradicional
- Gnration
- Grupo Folclórico da
Universidade do Minho
- Junta da União
de Freguesias de
Crespos e Pousada
- Junta de Freguesia
de Sequeira
- Município de Guimarães
- Museu do Traje
Dr. Gonçalo Sampaio
- Noite Branca Braga
- Nuno Osório
- Padre Marcelino Paulo
- Paróquia de Sequeira
- Susana Alves
- Theatro Circo
- Universidade do Minho

Promotores



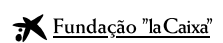
Cofinanciamento



Parceiro institucional



Com o apoio





BRAGA25
CAPITAL
PORTUGUESA
DA CULTURA